

SIMPÓSIO 15 - LÉXICO, ONOMÁSTICA, VARIAÇÃO E ENSINO

LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA INSCRITO NA GASTRONOMIA POPULAR DO CEARÁ: USOS E CONTRIBUTOS NA E PARA A INTERAÇÃO COTIDIANA

COSTA, Expedito Wellington Chaves
Universidade de Évora
ms.wellington@gmail.com

MARÇALO, Maria João
Universidade de Évora
marcalomaria@gmail.com

Resumo

Na pesquisa linguística contemporânea, diversos autores, entre eles Bakhtin (2011); Marcuschi (2002); Pretti (2003); Bazerman (2005); Hanks (2008) enfatizam que a língua é uma instituição social que manifesta a diversidade dos grupos que a utilizam e que, em sua heterogeneidade, está sujeita a variações ao longo do tempo, sofrendo mudanças ou conservando características de períodos históricos, especialmente das suas formas dialetais. O objetivo deste trabalho é demonstrar que o léxico da gastronomia popular cearense, submetido ao processo de metaforização, produz expressões idiomáticas e enunciados fraseológicas capazes de caracterizar, em grande parte, os modelos linguísticos de interação diária. Para fundamentar teoricamente a investigação, recorre-se, em especial, a estudos de Pamies Bertrán (2012), para quem “É sobretudo na fraseologia e na paremiologia que vamos encontrar provas concretas e abundantes para investigar essa relação língua/cultura” (p. 346) e de Biderman (1978), segundo a qual o léxico resulta da soma de todas as experiências acumuladas de uma sociedade e do acervo cultural através dos tempos. Metodologicamente, opera-se nesta pesquisa com a catalogação e a exposição de lexias da gastronomia do Ceará, demonstrando que, submetidas ao processo de metaforização, elas se desdobram em expressões idiomáticas e enunciados fraseológicos reconhecidas como marcas características de dialeto local. Como resultado, demonstra-se a intensa relação da língua com a cultura, para a formação da identidade linguística e cultural, e as contribuições das referidas lexias para a língua portuguesa em uso cotidiano.

Palavras-chave: Léxico; Gastronomia; Cultura; Interação.

Resumen:

En la investigación lingüística contemporánea, diversos autores, entre ellos Bakhtin (2011); Marcuschi (2002); Pretti (2003); Bazerman (2005); Hanks (2008) enfatizan que la lengua es una institución social que manifiesta la diversidad de los grupos que la utilizan y que, en su heterogeneidad, está sujeta a variaciones a lo largo del tiempo, sufriendo cambios o conservando características de períodos históricos, especialmente de sus formas dialectal. El objetivo de este trabajo es demostrar que el

léxico de la gastronomía popular cearense, sometido al proceso de metaforización, produce expresiones idiomáticas y enunciados fraseológicos capaces de caracterizar en gran parte los modelos lingüísticos de interacción diaria. Para fundamentar teóricamente la investigación, se recurre, en especial, a estudios de Pamies Bertrán (2012), para quienes "Es sobre todo en la fraseología y en la paremiología que vamos a encontrar pruebas concretas y abundantes para investigar esa relación lengua / cultura" (p. 346) y de Biderman (1978), según la cual el léxico resulta de la suma de todas las experiencias acumuladas de una sociedad y del acervo cultural a través de los tiempos. Metodológicamente, se opera en esta investigación con la catalogación y la exposición de lexias de la gastronomía de Ceará, demostrando que, sometidas al proceso de metaforización, se desdoblán en expresiones idiomáticas y enunciados fraseológicos reconocidos como marcas características de dialecto local. Como resultado, se demuestra la intensa relación del lenguaje con la cultura, a la formación de la identidad lingüística y cultural, y las contribuciones de estos lexias al portugués en el uso diario.

Palabras clave: Léxico; La gastronomía; La cultura; Interacción.

Introdução

O estágio atual de desenvolvimento da linguística contemporânea permite grande diversidade de investigações em torno dos fenômenos da língua, especialmente na perspectiva funcional, que considera, para além dos aspectos formais, os semânticos e pragmáticos no decorrer das interações. Adota-se aqui a tese de Marçalo (1992), para quem a "A própria estrutura de uma língua não é senão um aspecto do seu funcionamento; uma mudança na estrutura evidencia a realidade da evolução" (MARÇALO, 1992, p. 105).

É nesse conjunto de perspectivas que, em linhas gerais, este trabalho se situa, porque busca descrever o funcionamento da língua portuguesa inscrita na gastronomia do Ceará e suas relações com a cultura. Ao apropriar-se dos conceitos de léxico, foi possível relacioná-los aos de culturema, gastronomia e metáfora para compor um acervo lexical bastante profícuo em contributos para a língua portuguesa, em forma de expressões idiomáticas e de enunciados fraseológicos.

1. Relações entre língua e cultura: a evidência do léxico

A linguagem é uma atividade humana universal realizada por cada falante, sempre situado na história e marcado pela cultura, por isso se afirma

que ela é uma instituição (ou um fato) social. A concepção mais comum decorrente dessa definição é a de que a linguagem está determinada pela necessidade de comunicação, e que a língua, em sentido particular, impõe-se aos indivíduos, os quais isoladamente não podem criá-la nem a modificar. Coseriu (1990) afirma que essas proposições não podem ser aceitas sem reparos, visto que

Com efeito, a linguagem, mais do que ser *um* fato social entre outros, é o fundamento de todo o social e a manifestação primária da 'socialidade' humana, do 'ser-com-outros', que é uma dimensão essencial do ser do homem. E caráter 'institucional', de objetivação histórica da socialidade do homem, tem não a linguagem como tal, mas sim a língua (COSERIU, 1990, p. 38).

Também sobre a língua, ele faz uma advertência:

Esta não se impõe ao falante, e sim, o falante a assume como própria, assumindo ao mesmo tempo a sua própria historicidade, o seu ser histórico; não é 'obrigatória' como imposição externa, e sim, como 'compromisso', como obrigação livremente assumida e consentida. Por outro lado, o falante a cria continuamente como tradição pelo fato mesmo de que a adota e a continua (que é como se criam os fatos sociais) e sempre a modifica em alguma medida pelo fato mesmo de que a realiza no falar em circunstâncias particulares (COSERIU, 1990, p. 38).

As restrições conceituais apresentadas por Coseriu (1990) a respeito das funções sociais da linguagem e da língua são bastante caras a esta pesquisa sobre o léxico da gastronomia cearense, pois eles e seus desdobramentos (expressões idiomáticas e enunciados fraseológicos) são herdados de geração em geração e criados ou reinventados e continuados do ponto de vista estrutural e sintático, sem prejuízo à representação simbólica e cultural que fazem de um determinado grupo de pessoas.

Na relação dos sujeitos com as comunidades, encontra-se outra característica fundamental da linguagem: a dimensão intersubjetiva. Esta é dada pela alteridade do sujeito, pois ele, enquanto falante e criador de linguagem, pressupõe sempre outros sujeitos como usuários. Por outro lado, a alteridade pode ser positiva ou negativa. No primeiro caso, ela representa coesão e solidariedade entre os sujeitos, que se reconhecem como membros

da mesma comunidade; no segundo, implica separação de outros, que se reconhecem como membros de diferentes grupos sociais (Coseriu, 1990).

Sobre a correlação do léxico com a sociedade, Biderman (1981) afirma que

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. (...) esse tesouro lexical é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias (BIDERMAN, 1981, p. 132).

Ao tomar essas ideias por referência, percebe-se que a palavra tem existência também psicológica e destacado valor coletivo, pois é por ela que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar conhecimentos de caráter subjetivo. É, portanto, a palavra que tem a função de consolidar os conceitos resultantes de operações mentais, possibilitando a sua transmissão às gerações futuras.

Além disso, o léxico nomeia objetos do mundo material como resultado de um longo processo de categorização, através do processo de reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre o meio cultural e os elementos da experiência física humana, permeados sempre pela interação entre os indivíduos. Portanto, a cultura e o mundo físico dos falantes de uma comunidade serão percebidos de uma determinada maneira, conforme o seu acervo lexical, que se renova com maior ou menor frequência, de acordo com a dinâmica evolutiva do grupo social.

De acordo com o exposto até aqui, vê-se que o léxico é um sistema dinâmico e instável que manifesta a história e as mudanças sociais e culturais de um povo. Essas mudanças deixam transparecer na língua os valores, as crenças, os costumes e os hábitos de uma sociedade.

2. Léxico da gastronomia cearense

Enquanto patrimônio imaterial, a gastronomia se destaca por representar a tradição histórica e cultural de um povo, por isso ela se conecta fortemente

com a identidade regional e local, pois os hábitos alimentares, da preparação ao consumo, são reveladores dos comportamentos sociais, como as práticas de linguagem.

O quadro a seguir traz uma breve amostra de lexias da gastronomia cearense em sentido denotativo e, resultantes da metaforização delas, expressões idiomáticas e enunciados fraseológicos que exemplificam falares típicos do Ceará.

Quadro 2 – Léxico gastronômico cearense e seus contributos à língua portuguesa

Corpus	Contributos à língua portuguesa	
Lexias	Expressões idiomáticas	Enunciados fraseológicos
Alfenim	Cabelo de alfenim	O filho de Maria tem cabelo de alfenim.
Aluá	Ficar/Estar aluado	Durante a comemoração de aniversário do chefe, João parecia aluado.
Angu	Ser papa-angu	Não seja um papa-angu, Miguel! Disse Madalena.
Aruá	Besta como aruá	Embora besta como aruá, Betina tinha admiração de muitos.
Baião (de dois)	Fazer baião	Quando o advogado soube do caso, fez um enorme baião.
Banha	Pé de bater banha	Dagoberto andava com pé de bater banha.
Beiju	Beiju de caco	Com a batida, o carro ficou em beiju de caco.
Biquara	Boca de biquara	Para a festa, a mocinha parecia boca de biquara.
Buchada	Vamos, buchada!	Ao fim das festas, Tiago dizia: Vamos, buchada!
Cachaça	Ter uma cachaça	Bruno era um sujeito honesto, mas tinha uma

		cachaça insuportável.
Caldo	(Não) dá um caldo	Afirmavam no ginásio, que o pugilista cearense não dava um caldo.
Cana	Ser pé-de-cana	Ao cair da bicicleta, Mário quebrou a cana. Amadeu sempre foi um pé-de-cana, diziam os pais.
Canjica	Fogo na canjica	Na obra, o mestre ordenou que logo cedo tocassem fogo na canjica.
Capote	Dar/Levar/Tirar o capote	Diferente do dia anterior, naquela manhã o Mário não levou qualquer capote.
Coalhada	Estar/Ficar coalhada	Durante a chuva, o bar ficou coalhado de gente.
Cocada	Comer cocada	Enquanto Denise e o namorado liam juntos, o irmão dela comia cocada.
Criação	Filho de criação	Já adulto, Amadeu soube que era filho de criação.
Doce	Dar um doce	Nonato daria um doce a quem decifrasse o enigma.
Farinha	Fazer farinhada	A farinhada era ocasião para encontro de toda a família de Dona Rosa.
Farofa	Ser farofeiro	O farofeiro aparece nas praias do Ceará.
Galinha	Galinha choca	Tamara estava uma galinha-choca.
Garapa	Na garapa	Alan empregou-se na garapa.
Goma	Exame da goma	Perguntaram se Beбето fizera exame da goma.
Grude	Ser grude	Alice era o meu grude.
Jerimum	Jerimum ponta de rama	Jerônimo já era jerimum ponta de rama.
Manzape	Ter manzape avantajado	Orlando Nascimento ficou conhecido por seu manzape.

Maxixe	Cara de maxixe	Miguel, o cara de maxixe!
Mel	Sem mel nem cabaça	Mateus está sem mel nem cabaça.
Pamonha	Ser pamonha	Artur sempre foi pamonha.
Panelada	Dar / Levar panelada	Dona Florinda costumava dar panelada em Seu Madruga.
Peba	Ser/Ficar pebado	Fernando ficou pebado.
Peixada	Ser peixada	Samara valeu-se de peixada.
Peru	Ser peru	André é só peru no jogo.
Piaba	Pegando piaba	Calça de Murilo pega piaba.
Pirão	Pegar o pirão	Às 11h, pegavam o pirão!
Porco	Ser porcalhão	Natanael é um porcalhão.
Pudim	Pudim de cana	Para companheiros de farra, Ernesto é um pudim de cana.
Quebra-queixo	Estar quebrando queixo	Traga uma cervejinha quebra-queixo.
Rabada	Chegar na rabada	Flávio chegou na rabada.
Rapadura	Coração de rapadura	Nilda é coração de rapadura.
Sarapatel	Sarapatel brabo	Júlio fez um grande sarapatel no aniversário da filha.
Tapioca	Ser tapioca	Ronaldo é um tapioca!
Traíra	Pescar traíra	Após o almoço, Marciana pescou traíra várias vezes.
Tripa	Dor nas tripas	Ari morreu de dor nas tripas.
Tutano	Cabra de tutano	Mauro é um cabra de tutano.

Fonte: Elaborado pelo autor

Os significados e os exemplos dispostos nesse quadro revelam “imagens” em torno das quais se organizam e revelam ressemantizações

conotativas interconectadas com a cultura, os costumes e as crenças do povo cearense. Por isso, a lexicografia regional se configura em torno de características como reivindicação por sua maior presença em dicionários gerais, interesse por registro escrito de suas manifestações e inclusão de um número cada vez maior de suas expressões típicas em diversos repertórios da língua. Todos esses interesses revelam atitudes em defesa do regate, da valorização e da difusão de cultura popular local como patrimônio intangível, através da língua.

Considerações finais

A língua reflete e simboliza a realidade cultural na medida em que as pessoas identificam umas às outras por meio dela, por conseguinte se constitui como um sistema de signos com importante valor cultural. E essa socialização contribui para o desenvolvimento de identidades culturais.

Nesse sentido, quando se observa o léxico inscrito na gastronomia típica do Ceará, verifica-se que, submetido à metaforização, ele revela a fala espontânea do povo desse Estado na forma de expressões idiomáticas e enunciados fraseológicos singulares.

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de Filologia e Linguística**: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

COSERIU, Eugênio. Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística. In: MELLO, Linalda de Arruda (Org.). **Sociedade, Cultura e Língua** – Ensaios de Sócio e Etnolinguística. CCHLA. FUNAPE. UFPB. João Pessoa, 1990.

MARÇALO, Maria João. **Introdução à linguística funcional**. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

PAMIES BERTRÁN, Antonio. O projeto “Dicionários Culturais”. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, vol. 1.